GESTÕES EMPRESARIAIS INSPIRADORAS

A TRAJETÓRIA DE GRANDES
EMPREENDEDORES BAIANOS
E SEUS PAPÉIS TRANSFORMADORES
NA ATIVIDADE EMPRESARIAL

APRESENTAÇÃO DO PROJETO E DO LIVRO

O projeto “Gestões empresariais inspiradoras: a trajetória de grandes empreendedores baianos e seus papéis transformadores na atividade empresarial” narra a trajetória de trinta importantes empreendedoras e empreendedores que atuaram na Bahia no agronegócio, comércio, serviços e indústrias. Seus resultados estão apresentados sob a forma de livro físico e em versão digital.

Representa uma construção coletiva, que une Administração e História, produzida por equipe da Universidade Federal da Bahia (Escola de Administração e Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas) e apoiada por importantes representações coletivas, como SEBRAE Bahia, FECOMÉRCIO Bahia, FAEB e FIEB.

Os registros do projeto saúdam a Bahia e o seu povo. Além de uma história singular, uma geografia deslumbrante e um povo encantador, aqui tem gente que sonha, sua, e que faz, do verbo, carne. No solo fértil da Bahia, sementes empreendedoras geraram frutos inspiradores.

O projeto viajou por diferentes eras, diferentes tempos e diferentes espaços. Nos bolsos, os autores trouxeram trinta diferentes conjuntos de sonhos e inspirações. Que possamos construir com seus acertos e seus erros. Que tenhamos a capacidade de aprender e ensinar a partir de suas histórias. E que possamos iluminar novas estradas e guiar novos caminhos.

GESTÕES DA AGRICULTURA E PECUÁRIA

August Wilhelm Suerdieck

Carminha Maria Gatto Missio

Emil Wildberger

Francisco Amado da Silva Bahia

Ivo Borré

João Martins da Silva Jr

Lutz Viana Rodrigues

Octávio Ariani Machado

Raymundo Pereira de Magalhães

Theocrito Calixto da Cunha

GESTÕES DO COMÉRCIO E SERVIÇOS

Ademar Dias Galvão

Edward Pellew Wilson

Euvaldo Luz

João Marinho Falcão

José “Pepe” Faro Rua

José Lemos de Santana

Lise Weckerle

Mamede Paes Mendonça

Ramiro Campelo de Queiroz

Wilhelm Hermann Klaus Peters

GESTÕES DA INDÚSTRIA

Antônio Francisco de Lacerda

Bernardo Catharino

Carlos Gilberto Farias

Clemente Mariani Bittencourt

Giuseppe Fratelli Vita

José Corgosinho de Carvalho Filho

Luiz Tarquínio

Mário Amerino da Silva Portugal

Monica Burgos

Norberto Odebrecht

Livro em versão digital

https://gestoesinspiradoras.ufba.br/

Referência

HASTENREITER FILHO, Horacio Nelson; VALIM, Patrícia; BRUNI, Adriano Leal; TELLECHEA, Justina; BARBOSA, André Gustavo de Araújo. Gestões empresariais inspiradoras: a trajetória de grandes empreendedores baianos e seus papéis transformadores na atividade empresarial. 1. ed. Salvador, BA: Ed. dos Autores, 2022.

Contato

gestoesinspiradoras@gmail.com


AUGUST
WILHELM
SUERDIECK

por Adriano Leal Bruni

"Esperança de imigrante, confiança na própria capacidade, visão empresarial, histórias ouvidas em Hannover sobre as excelências do fumo da Bahia, foi a soma de tudo isso que levou aos inícios da saga da sua vida, da vida da sua gente, da vida da sua empresa[1]".

01.01.1860
(Melle, Alemanha)

23.09.1930
(Wiesbaden, Alemanha)

August Suerdieck veio para Salvador trabalhar na exportação de fumo, posteriormente, migrou para Oiteiro Redondo, um rude arraial em formação e que, depois, se transformou na cidade de Cruz das Almas. Empreendeu a Suerdieck, um dos mais importantes negócios fumageiros da Bahia, muito contribuindo para o desenvolvimento da região.

SALVADOR E OS ESTRANGEIROS . A cidade de Salvador, fundada em 1549, sempre foi receptiva aos estrangeiros. Sede do governo geral do Brasil até 1763 e maior centro produtor de açúcar da colônia, possuía um mercado importador e exportador de grande interesse internacional, apesar das restrições do pacto colonial. A baía de Todos os Santos e o porto de Salvador abasteciam, redistribuíam e embarcavam mercadorias para os continentes americano, europeu e africano, o que atraia os responsáveis pelas transações e os representantes das casas comerciais que punham em movimento aquele vasto circuito econômico e financeiro.

Em 1859, o engenheiro inglês Ben Mulock, autor de importantes registros fotográficos da cidade, relatou ao chegar em Salvador: "Eu nunca vi um lugar que me agradasse mais à primeira vista. Ela estende-se ao redor da baía, de forma crescente. A costa é alta e as casas erguem-se umas acima da outra [...], misturadas com bananeiras e coqueiros, tudo tão verde".

Nos séculos XVII, XVIII e parte do XIX, Salvador era uma das mais importantes e maiores cidades da América. As sucessivas crises do açúcar e as crescentes dificuldades impostas ao tráfico de escravos redefiniram o papel da cidade, deixando de ser o centro exportador de açúcar, fumo, couros e outros produtos para se fixar como praça de comércio. Cresceu, assim, a presença de estrangeiros na cidade, sobretudo em lojas, bancos e casas comerciais controlados por ingleses, franceses e alemães.

A independência do Brasil, em 1822, ajudou a abrir o mercado brasileiro para os alemães, estreitados a partir do casamento de D. Pedro, em 1818, com a imperatriz Maria Leopoldina, arquiduquesa da Áustria, que apoiou a vinda de cientistas e artistas germânicos para a América portuguesa.

Na Bahia, a abertura do Consulado de Hamburgo em 1820 testemunhou a maior aproximação com os germânicos. Em 1827, o Brasil regulamentou as relações comerciais com a Alemanha através do Tratado Comercial e de Navegação, assinado com as cidades hanseáticas de Lübeck, Bremen e Hamburgo, aumentando assim o fluxo de germânicos que aportavam em Salvador. Aí estava localizado, então, o principal porto brasileiro, enquanto Hamburgo era o mais importante porto alemão do

Nota 1. Definição de Suerdieck feita pelo historiador baiano Cid Teixeira em Porto Filho (2003, p. 11).



Figura 01. Representação da cidade de Salvador por Mulock em 1860.

ainda incipiente comércio. Os alemães primeiramente ocupavam-se do comércio do açúcar. Posteriormente, atuaram nos negócios fumageiros. A partir de 1840, a exportação do fumo brasileiro foi quase exclusivamente destinada à Alemanha, e, por aquela época, o produto já usufruía bom conceito nos mercados de Hamburgo e Bremen.



Figura 2. Beneficiamento das folhas do fumo.



Figura 3. Ferdinand Suerdieck.

ORIGEM E VINDA PARA A BAHIA . August Wilhelm Suerdieck, nasceu em Melle, Alemanha, no dia 1º de janeiro de 1860, tendo sido batizado dois dias depois, na Igreja St. Matthäus. Seu pai, Joseph Suerdieck, era comerciante de fumos e o avô, Anton Suerdieck, tinha sido produtor de fumos.

Ouvindo que o fumo da Bahia era o melhor do mundo, o jovem August passou a desejar conhecer o "eldorado" brasileiro do fumo para charutos. Com 28 anos, depois de uma temporada em Hannover, decidiu embarcar em Hamburgo para a importante viagem para a Bahia.

Na viagem, procurou desenvolver amizade com as pessoas que conheciam ou que se dirigiam para o seu destino. Conheceu um agente da firma F. H. Ottens, que operava na compra de fumos no Recôncavo da Bahia. Assim, ao desembarcar em Salvador já estava contratado para fiscalizar o enfardamento num dos centros da região fumageira.

A COMPANHIA SUERDIECK . Em 1892, transcorridos quatro anos de sua chegada ao Brasil, August Suerdieck criou a empresa com o seu próprio nome, a Companhia Suerdieck, em Cruz das Almas. Atuava como exportador e enfardador de fumo, dedicando-se também ao cultivo das matas de São Félix e Cruz das Almas, conseguindo, pela experiência adquirida, obter as melhores e mais finas espécies de fumo até então produzidas. Seus produtos ganharam fama na Europa, sobretudo na Alemanha. Pouco tempo depois, em 1894, a Suerdieck compra da F.H. Ottens o seu primeiro armazém.

Em 1899, chegou à Bahia, Ferdinand Suerdieck, irmão de August, que se instala em Maragojipe, cidade em franca expansão e que, com o crescimento dos negócios da Suerdieck, atraiu a extensão das operações,

cidade onde a Suerdieck edificou o seu primeiro prédio, um armazém na Praça Sebastião Pinho.

Em Maragojipe, no ano de 1905, por sugestão do olhar crítico de Ferdinand, a Suerdieck decidiu iniciar a sua produção de charutos. Os incentivos e justificativas estariam no fato das atividades de enfardamento e compra do fumo durarem, apenas, um período de seis meses, ficando o outro semestre sem atividade, além da observação dos trabalhadores prepararem charutos para a apreciação do fumo adquirido pela empresa. Adicionalmente, a cidade oferecia boas condições, com oferta de mão de obra ("charuteiras") e rio navegável com porto natural (o que facilitava o escoamento da produção para Salvador e de lá para o exterior).

A produção de charutos consistia em projeto audacioso. O mercado era dominado por fortes concorrentes. Os desafios de prosperar eram grandes. August transferiu Ferdinand para Maragojipe, instalando, no Armazém Caijá (Largo S. Sebastião), a primeira fabricação de charutos. Toda a operação era conduzida por apenas cinco operários. O chefe era, ao mesmo tempo, escolhedor de fumo, mestre de seção e encarregado de embalagem. A qualidade do fumo e os cuidados com a produção e comercialização ampliaram os apreciadores para os charutos Suerdieck. Os clientes cresciam a cada dia. Os charutos Suerdieck conquistaram fama, em mercado com grande concorrência.

Em 1907, a produção foi transferida para edifício próprio, à Rua Macedo Costa, conhecida como Rua do Fogo, ocupando nessa época já 13 operários, sob a gerência de Carl Gerles, técnico vindo da Europa especialmente para esse cargo.

Em 1908, na Exposição Nacional ocorrida no Rio de Janeiro, a Suerdieck ganhou medalha de ouro e mais dois grandes prêmios pelos produtos expostos, além de ter sido a única empresa do Brasil que obteve o Prêmio para a Cultura e Aperfeiçoamento do Fumo. Os louros fizeram os negócios aumentarem rapidamente, com a exportação de fumos de qualidade chegando a cerca de 20 mil fardos anuais. A Suerdieck se afirmava como uma das maiores firmas exportadoras de fumo do Brasil.

AUGUST
WILHELM
SUERDIECK



Figura 4. Exposição Nacional de 1908 no Rio de Janeiro.



Figura 5. Instalações da Suerdieck em Maragojipe.





Figuras 6 e 7. Tibúrcia e Gerhard Meyer Suerdieck.

Em 1909, Gerhard Meyer, cunhado de August, chega a Maragogipe. Havia sido convidado para gerenciar a fábrica. Em 1910, a empresa compra sobrado situado à Rua Pedra Branca – posteriormente renomeada Fernando Suerdieck –, que servia, até então, de cinema e teatro. Nesse mesmo ano, deu-se a transferência da fábrica do antigo prédio situado à Rua Macedo Costa. Em 1913, foi construído, em terreno baldio próximo, um novo prédio próprio onde foi instalada uma nova seção complementar, voltada à repartição de encaixe. A fábrica fora ampliada. Era um estabelecimento bem organizado, contando com cerca de 200 operários. Adicionalmente, os Suerdiecks se voltavam ao cultivo do fumo, em diferentes áreas, produzindo algumas das melhores e mais finas qualidades de fumo até hoje produzidas no Brasil, com destaque para os experimentos do cultivo do fumo capeiro, empregado na fabricação dos charutos.

Até o ano de 1913, as operações da Suerdieck eram formadas por duas firmas distintas: a A. Suerdieck, fabricante de charutos; e a Aug. Suerdieck, exportadora de fumo. Em 1914, as duas se fundem sob a razão social de Suerdieck & Cia., com Ferdinand Suerdieck assumindo a posição de sócio.

Também em 1914, a eclosão da primeira guerra mundial trouxe desafios. Foi necessário deslocar a origem da matéria básica utilizada para a fabricação dos fumos de capas que vinham das Índias Holandesas, de Sumatra e de Java, e que passaram a vir via Nova Iorque. Em função da guerra, a empresa perdeu um dos seus principais e maiores consumidores, que era a Alemanha, ficando limitada apenas a Holanda. Novos problemas surgiram quando o Brasil declarou guerra à Alemanha. Entre os anos de 1917 e 1918, depois de três anos de guerra, a firma testemunhou o decréscimo de sua produção, motivado pela carência do fumo Sumatra, indispensável à fabricação de charutos.

Em 1918, o término da guerra traz a ampliação geral dos negócios. A produção dos charutos Suerdieck dobra, indo de 5 milhões de unidades anuais para 10 milhões. Ocorreu, também, o desenvolvimento do cultivo do fumo capeiro. Filiais precisaram ser criadas sob a forma de pequenas fábricas que teriam como objetivo estarem em plena conexão com a principal, com o objetivo de atender o crescente mercado.

Em 1920, a fábrica da Suerdieck em Maragogipe precisou ser ampliada. A demanda internacional de charutos havia crescido. O engenheiro Emílio Odebrecht, pioneiro na construção de cimento armado nas cidades de Recife e Salvador, projetou uma passarela de concreto interligando as fábricas, antiga e nova, separadas pela Rua das Flores, e que teria provocado a reação negativa de transeuntes, que, temerosos em relação à passarela, evitavam passar pelo local.

As instalações da Suerdieck foram[2] descritas como compostas por: *"dois grandes e bellos prédios ligados por uma artística ponte de cimento armado sobre a Rua das Flores 7-15, onde se acha situada, e tem accommodações em seus vastos salões para 2000 operários possuindo magníficas estufas. Completa officina de carpintaria, extensos secadores de fumo e um grande trapiche..."*.

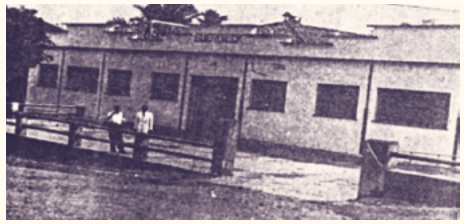
Em 1923, Ferdinand Suerdieck morreu de pneumonia, na Suíça, aos 47 anos, quando passeava de férias. Teria suportado os rigores tropicais e sucumbido ao seu próprio inverno. Para ocupar seu antigo lugar como sócio, August Suerdieck, convidou o cunhado Gerhard Meyer. Posteriormente, Meyer se casa com a maragojipana Tibúrcia Pereira Guedes, representada na Figura 6, operária da fábrica, com quem teve quatro filhos, dentre eles Geraldo Meyer Suerdieck, que comandou a empresa, talvez em sua melhor fase, por quase 30 anos.

Em 1930, August Suerdieck faleceu aos 70 anos, em Wiesbaden (Alemanha). Em 1931, faleceu sua viúva. Com a morte dos proprietários, a razão social Suerdieck passou a enfrentar desafios, já que as leis nacionais exigiam que a razão social apresentasse o nome dos seus sócios. Contudo, as normas também permitiam que, por publicação oficial, uma pessoa mudasse de nome. Assim, os herdeiros Meyer se tornaram Meyer Suerdieck, mantendo assim o nome da razão social da firma. A Suerdieck passou a ser comanda por Gerhard, agora Gerhard Meyer Suerdieck e Tibúrcia.

Novas filiais da fábrica foram criadas em Cruz das Almas (1935) e em Cachoeira (1936). Na primeira cidade, a operação trazia esperanças. Não havia no município empresa com porte similar que pudesse ofertar as, assim entendidas, "elevadas" condições de trabalho da Suerdieck, com a operação

AUGUST
WILHELM
SUERDIECK







Figuras 8, 9 e 10. Operações da Suerdieck: Cruz das Almas (1935), Cachoeira (1936) e Salvador (1938).

Nota 2. Conforme Coelho (1923).





Figuras 11 e 12. Antigas peças publicitárias da Suerdieck.

precisando de trabalhadores, principalmente de mulheres charuteiras.

Em 1938, a empresa transfere o seu escritório central e a própria sede de Maragojipe para Salvador, já que todas as questões já estavam sendo resolvidas na capital, onde também passaram a morar os sócios.

Em 1939, a eclosão da Segunda Guerra Mundial traz novas dificuldades, com desafios dos transportes, alta no preço das matérias-primas, e desafios internos na empresa.

Nos anos 1950, a Suerdieck atingiu o seu apogeu. Foi o melhor período de sua trajetória. Possuía o monopólio do ramo charuteiro, com a incorporação da Costa Penna e da Dannemann. Em 1955 a empresa bate o recorde de sua produção com 180 milhões de charutos por ano, feitos manualmente. Empregavam, somente em Maragojipe, mais de 2 mil colaboradores. Incluindo as fábricas de Cachoeira e Cruz das Almas; depósitos de fumo em São Félix, Santo Antônio de Jesus, São Gonçalo dos Campos, Castro Alves, Conceição do Jacuípe e Salvador, o quadro da empresa superava os 4 mil funcionários.

Em 1956, ainda como parte das comemorações do seu cinquentenário, a Suerdieck inaugurou na Av. Estados Unidos, 161, bairro do Comércio, em Salvador, o Edifício Gerard Meyer Suerdieck, com 4.651m² de área construída, com câmara frigorífica no subsolo para estocagem de charutos e ornamentada por um painel de Caribé. A inauguração marcava o bom período vivido pela empresa.

CRISE E DECADÊNCIA . A partir da Segunda Guerra Mundial, a indústria fumageira maragogipana perdeu impulso. Paulatinamente vão sendo desativadas as inúmeras fábricas de charutos, restando apenas a Suerdieck, que, a partir de 1965, iniciou um lento e progressivo processo de diminuição de suas atividades em Maragogipe, transferindo as linhas de produção mais modernas para Cruz das Almas. (BELETTI, 2000, p. 123)

A cidade apresentou um quadro bastante significativo de pessoas empregadas, criando dessa forma um forte desenvolvimento econômico. Com o advento dos fatos ocorridos externamente e internamente, trouxe

para o cenário da fábrica uma fragilidade, que aos poucos foi enfraquecendo sua dinâmica nos serviços, consequentemente havendo primeiro o fechamento da fábrica centenária em Maragogipe, transferindo assim suas atividades para o município de Cruz das Almas, não conseguindo manter por muito tempo em funcionamento.

Muitos foram os empenhos de seus administradores, contudo foi inevitável controlar a falência que aos poucos estava tomando por completo a indústria. E assim a Suerdieck fechou suas portas por completo no ano de 1999, na cidade de Cruz das Almas, justificando tal ação pela praga que tomou conta de todo o fumo Sumatra, não tendo a empresa condição nenhuma em manter suas atividades.

Em 1968, a Suerdieck, pela primeira vez na sua história, operou com prejuízo, repetido no ano seguinte. A inflação estava em alta, com o fumo sendo comprado à vista e o charuto vendido a prazo. A empresa ficou sem capital de giro, precisando recorrer a empréstimo do governo. Com o atraso na liberação do financiamento, a crise se avolumou e a fábrica de Maragogipe teve o seu controle transferido para o grupo Melitta.

No ano de 1986, Gisela Huck Suerdieck consegue retomar o controle da empresa, criando a Agro Comercial Fumageira. No ano de 1992, a fábrica de Maragogipe é fechada, resultando na extinção do maior parque charuteiro da América do Sul e afetando de forma negativa e substancial a economia do município.

A produção fora transferida para Cruz das Almas com o objetivo de melhorar os processos da empresa. O novo destino teria logística privilegiada, estando às margens da BR 101, o que facilitaria o transporte de mercadoria, com custos mais competitivos. No ano de 2000, a última unidade, em Cruz das Almas, foi fechada. Foi o final do processo negativo iniciado no início dos anos 1990, com a empresa enfrentando inúmeras dificuldades.



Figura 13. Edifício Gerard Meyer Suerdieck.

REFERÊNCIAS

Uma excelente e muito bem ilustrada apresentação da história de Suerdieck, sua empresa e seus principais personagens pode ser encontrada em: PORTO FILHO, Ubaldo Marques. **Suerdieck: epopeia do gigante**. Salvador: [*s. n.*], 2003.

Outras Referências

BELLETI, André. **Maragojipe e sua história**. Salvador: Arcádio, 2000.

BRANDÃO, Maria de Azevedo (org.) **Recôncavo da Bahia: sociedade e economia em transição**. Salvador: Fundação Casa Jorge Amado, 1998.

COELHO, José. **Estado da Bahia: obra de propaganda geral**. Rio de. Janeiro: Empresa Brasil Editora, 1923.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História – memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

ELOY, Priscilla da Silva. **A Fábrica de Charutos Suerdieck no Recôncavo Baiano: memórias e histórias de trabalhadores na década de 1935 a 1950. 2016**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, 2016.

ELOY, Priscilla da Silva. **A fábrica de charutos Suerdieck no recôncavo baiano: história e memórias de Cruz das Almas e Maragogipe**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em história) - Faculdade Maria Milza, Cruz das Almas, 2009.

ELOY, Priscilla da Silva. Fábrica de Charutos Suerdieck: Uma abordagem étnico-Social dos trabalhadores. In: II Encontro Internacional História, Memória, Oralidade e Culturas, 2014, Fortaleza. **Anais II Encontro Internacional História, Memória, Oralidade e Culturas**. Fortaleza: UECE, 2014. Eixo temático: Mundos do trabalho: classe, cultura e trabalho na história. Disponivel em: <http://www.uece.br/eventos/2encontrointernacional/anais/resumos/8270.html>. Acessado em: 20 mar. 2022.

SILVA, Elizabete Rodrigues da. **As mulheres no trabalho e o trabalho das mulheres: um estudo sobre as trabalhadoras fumageiras do recôncavo baiano**. 2011. Tese (Doutorado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

SILVA, Elizabete Rodrigues. **Fazer Charutos: Uma Atividade Feminina**. 2001. Tese (Mestrado em História) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.

WANDERLEY, Lygia Maria Alcântara. Fábricas Dannemann e Suerdieck. In: **Carnaval de Maragojipe**. Salvador : FPC, 2010, p. 21-25.

Imagens

Figura 1. Fonte: <http://www.bahia-turismo.com/salvador/salvador-antiga.htm>. Acesso em: 2 dez. 2021.

Figura 2. Fonte: < https://almanaquecruzalmense.com/2015/09/23/a-fantastica-historia-da-suerdieck-em-cruz--das-almas-e-na-bahia-parte-1/>. Acesso em: 2 dez. 2021.

Figura 3. Fonte: < http://famamportal.com.br:8082/jspui/bitstream/123456789/1484/3/MONOGRAFIA.pdf>. Acesso em: 7 dez. 2021.

Figura 4. Fonte: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br>. Acesso em: 2 dez. 2021.

Figura 5. Fonte: <https://donemmanuel.com/hoje-gostaria-de-falar-sobre-os-charutos-suerdick-sua-fabrica-ficou-2/>. Acesso em: 2 dez. 2021.

Figuras 6 e 7. Fonte: < http://famamportal.com.br:8082/jspui/bitstream/123456789/1484/3/MONOGRAFIA.pdf>. Acesso em: 7 dez. 2021.

Figuras 8, 9 e 10. Fonte: <http://famamportal.com.br:8082/jspui/bitstream/123456789/1484/3/MONOGRAFIA.pdf>. Acesso em: 7 dez. 2021.

Figuras 11 e 12. Fonte: < https://www.propagandashistoricas.com.br/>. Acesso em: 2 dez. 2021.

Figura 13. Fonte: < https://webescritorios.com.br/edificio-comercial/suerdieck-6044>. Acesso em: 2 dez. 2021.